



## O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LINGUAGEM DE CINEMA

Bruna Morante Lacerda Martins (Programa de Pós-graduação Geografia, Meio Ambiente e Ensino) – UNESPAR/FECILCAM, brunamorante@gmail.com  
Marinalva dos Reis Batista (Programa de Pós-graduação Geografia, Meio Ambiente e Ensino) – UNESPAR/FECILCAM, geografia23@gmail.com

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo discutir como o professor de geografia emprega a linguagem cinematográfica enfocando o espaço urbano como conteúdo para ser trabalhado em sala de aula. Apresenta-se uma atividade balizada no pressuposto teórico da pedagogia histórico-crítica de Saviani (1984). Busca-se contribuir com discussões acerca das diferentes linguagens no ensino de Geografia visando a criticidade do aluno. Para tanto, o referencial teórico-metodológico está baseado em autores como: Cavalcanti (1988), Couto (2009), Oliva (2008) e Santos (1996). Ensinar a geografia por meio da linguagem de cinema possibilita aproximar os conteúdos na vida cotidiana do aluno para que afirme os valores sociais e o compromisso com as suas atitudes desde uma escala local ao global.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Linguagem Cinematográfica. Espaço Urbano.

### 1 INTRODUÇÃO

A ciência geográfica visa à compreensão da realidade social em que está inserida, desta forma, a análise primordial é entender o espaço geográfico como *locus* do trabalho sendo produzido/reproduzido como produto histórico constituído por relações sociais, num determinado tempo e lugar.

O espaço geográfico ultrapassa o entendimento de localizações de atividades e considerando o homem como apenas parte do processo, mas como sujeito do processo histórico e atuando no espaço. Neste sentido, a geografia compreende o espaço geográfico a partir do contexto sócio-espacial. Da mesma forma, no ensino de geografia os professores que têm formação alicerçada na geografia crítica, tenta passar o conhecimento para o aluno e ao mesmo tempo trabalhando a consciência da cidadania, tratando de sua realidade local, onde o aluno percebe a ser um sujeito ativo no processo de construção da sociedade e dessa forma passa a ser ativo no processo de assimilação de conhecimento.

Para tanto, é necessário elaborar planos de aula por meio das suas categorias de análise da geografia (espaço, paisagem, território e região), mas com atenção especial para as escalas de análise, a fim de despertar a consciência espacial do aluno (COUTO, 2009). Atentando para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) em específico da disciplina

de geografia, que tem por objetivo orientar o professor a elaborar as suas aulas com base nos principais conteúdos da disciplina e auxiliar no uso dos temas transversais<sup>1</sup> (PCN, 1998). Outro documento relevante para a educação exclusivo no estado do Paraná são as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008).

Este texto balizou-se em conteúdos programáticos apresentados na DCEB/PR correlacionado ao tema transversal apresentado no PCN (1998). Desta forma, apresentaremos uma relação possível entre a geografia e a linguagem cinematográfica com base em autores que tratam sobre o tema (OLIVA, 2008; CAMPOS, 2006). E posteriormente, aponta-se uma lista de tópicos que auxilia na organização de uma atividade com uso da linguagem cinematográfica, uma vez que a produção cinematográfica como recurso didático possibilita um diálogo entre o conteúdo da geografia e as questões levantadas no filme. Sendo assim, a problemática deste texto, é de como trabalhar o ensino na geografia com o uso da linguagem cinematográfica? E como organizar esta proposta?

Todavia, cabe refletir que o ensino da Geografia faz com que os alunos compreendam o seu papel no contexto em que estão inseridos e propõe pensar a sociedade-natureza no meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996). Desta forma, a atividade de ensino desta pesquisa tem como pano de fundo o estudo do espaço urbano abordando as suas relações com a cultura, proporcionando ao aluno refletir sobre a sua espacialidade.

## **2 A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA**

Compreender o espaço geográfico como “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes em cada momento histórico” (SANTOS, 1996, p.226). Logo, refletir sobre sua dimensão econômica, social, cultural e histórica fornece ao aluno conhecimento do mundo a sua volta. Castelar e Vilhena (2010, p.18) argumentam que “a educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de

---

<sup>1</sup>Os temas transversais estipulados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais são os seguintes: Dimensão econômica do espaço geográfico; Dimensão política do espaço geográfico; Dimensão cultural e demográfica do espaço geográfico; Dimensão socioambiental do espaço geográfico (PARANÁ, 2008);

diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem diferentes momentos históricos”. Além disso,

[...], o pensar geográfico contribui para contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local à regional, nacional e mundial (CAVALCANTI, 1998, p.11).

O ensino na geografia propõe ater para a criticidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula, fazendo com que o aluno reconhece a sua volta o mundo de maneira crítica ao mesmo tempo assimila as diferenças e acontecimentos no espaço geográfico de forma que gere mudanças na sua realidade (COUTO, 2009). Para tanto, o educador precisa trabalhar de forma diferenciada e atrativa para focar atenção do aluno para o conteúdo e buscar nos recursos didáticos uma resposta para isto. Desta forma, os professores na sociedade contemporânea estão abarcados de recursos que favorecem o ensino, neste sentido, é possível trabalhar com uma linguagem plural de recursos como: jogos didáticos, cartografia, maquetes, história em quadrinhos, desenhos animados, poesia, música, teatro, revistas e entre outros. Como enfoque desta pesquisa buscou-se apontar caminhos para trabalhar em sala de aula a linguagem cinematográfica.

O cinema possui suas considerações e especificidades próprias, não pode ser tratado como mero recurso audiovisual que explicita assuntos que estão ao acaso em nossa sociedade. Portanto, é entendido como uma obra de arte cinematográfica, ou seja, possui vida e ao mesmo tempo estão atreladas as concepções de quem o criou, podemos relacionar ao nascimento de uma criança que ao nascer tem no seu cerne a mistura dos genes maternos e paternos, sendo assim, a criança possui características únicas e visões de mundo apropriadas do colo dos pais. Neste sentido, o cinema leva em conta a alma dos diretores, do enredo, dos personagens, etc., para então, nascer uma produção cinematográfica.

Todavia, o cinema é uma produção singular e “[...] deve ser considerado uma forma de manifestação das percepções humanas, inserido no âmbito de práticas e representações culturais, políticas e ideológicas de seu tempo” (PELEGRINI, 2009, p.62). Esta autora sinaliza, que em um filme ou documentário deve ater-se “[...] a construção da sua narrativa, notar se a obra dialoga com os problemas da sociedade, se questiona ou não posturas políticas vigentes, se propõe soluções para os impasses apresentados no enredo” (PELEGRINI, 2009, p.62). Porém, é preciso tem em mente que o filme está contido de imaginários podendo confundir o expectador, por isso é necessário observar atentamente os tipos fílmicos que revelem serem apenas produções voltadas para indústria cultural, que

visse apenas fantasiar uma realidade não tendo com enfoque o reflexo de questões da sociedade em si.

Para Campos (2006, p.01) o “[...], cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado”. Observa-se, que as concepções de cinema apresentadas dialogam entre si, ora privilegiando as manifestações culturais como forma de expressão fílmica, ora focando no aspecto subjetivo e objetivo que filme mostra através dos roteiros, enredos, tramas, personagens e do diretor.

Em uma visão metódica Barbosa (2008, p.114), define o cinema como “um sistema complexo que incorpora tanto tecnologias como “discursos” da câmera, da iluminação, da edição, do cenário e do som que contribuem para a constituição de imagens do mundo”. Desta forma, o cinema passa então a ter um papel relevante entre a sociedade, pois exprimem imagens de mundos entre a realidade e a ficção, neste ponto é importante salientar que “A realidade é construída por meio de leituras do sujeito observador” (BARBOSA, 2008, p.114). Sendo assim, o espectador possui um filtro para discernir sobre a dualidade da cena, e, então construir um significado sobre o filme. Logo, é presumível que observador é quem define as questões da película e relaciona com seus conhecimentos teóricos e práticos. E, é neste sentido que o cinema na sala de aula possui um efeito de catalizador entre a teoria e o contexto histórico em que os alunos estão inseridos.

Neste ínterim, o cinema visto pelo viés educativo é capaz de transcender os recursos didáticos tradicionais como quadro, giz e apagador. Para Marcos Napolitano,

Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, lazer e ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2009, p.11).

O desafio do professor é mostrar ao aluno o filme buscando leituras ambiciosas que façam que os alunos interessem em serem mais que um espectador, mas agente cheio de criticidade propondo relações entre o conteúdo e a linguagem fílmica. Outros detalhes devem ser observados pelo professor, como por exemplo, a articulação com o currículo/conteúdo; abordagem conforme a faixa etária; adequação quanto ao repertório e os valores sociais culturais dos alunos e a cultura audiovisual específica do grupo de alunos envolvidos na atividade. Almeja-se buscar nos filmes a criticidade da sociedade, portanto, é preciso observar os valores e as ideologias que são construídas e desconstruídas em filmes (NAPOLITANO, 2009).

Neste caminho, Moran (1995) aponta formas incorretas de trabalhar o filme em sala de aula, tratar a linguagem cinematográfica como se fosse um vídeo tapa buracos, ou seja, apenas com intuito de passar o tempo da aula ou na ausência do professor. O vídeo enrolação, que não condiz com a disciplina tratada em sala de aula, sendo que faça o aluno perceber que o filme não está utilizado de maneira correta. Deste modo, existe uma infinidade de denominações para os filmes reproduzidos sem propósito pelo professor para a classe. De outro lado, Moran (1995) define algumas propostas de utilizações corretas, vídeo como sensibilização de um assunto que é desconhecido pelos alunos visando despertar a curiosidade entre eles. Outro tipo é o vídeo como ilustração capaz de exemplificar o que o professor fala em aula e o vídeo como produção, os alunos incorporam o criador e produzem um vídeo que trate sobre os seus pontos de vista sobre determinado assunto e entre outros tipos de vídeos tratados pelo autor em sua obra, com intuito educativo.

Enfim, “O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos” (BARBOSA, 2008, p.112). Neste sentido, o cinema no ensino da geografia propulsiona pensar o espaço geográfico como cerne do conhecimento geográfico, para então, emplacar discussões acerca do papel homem na sociedade natureza e as relações com o meio. Porém, como realizar o diálogo entre o ensino de geografia e a linguagem cinematográfica?

Sobretudo, “A educação como valor atua na formação ampla do indivíduo, na formação de atitudes, como elemento de inserção do indivíduo no universo cultural e conhecimento humano” (OLIVA, 2008, p.48). Corroborando com Oliva (2008), atentamos para a necessidade ensinar a geografia com vista a torna-la perceptível na vida cotidiana do aluno para que afirme os valores sociais e o compromisso com as suas atitudes desde uma escala local ao global. Salientando, que o papel do professor geógrafo é introduzir os conteúdos por meio de uma visão crítica entre o educador e educado no processo histórico da nossa sociedade.

### **3 O ENSINO DO ESPAÇO URBANO POR MEIO DA LINGUAGEM DE CINEMA**

A análise do espaço urbano na contemporaneidade permite compreendê-lo em meio ao processo de globalização, no qual há um novo modo de consumir os espaços ocasionando transformações de ordem econômica, social e cultural nas relações espaço-

temporais. De acordo com Carlos (1999), o movimento do espaço acontece por meio do consumo do espaço ao espaço para o consumo, ou seja:

O processo de reprodução do espaço a partir do processo de reprodução da sociedade se realiza, produzindo novas contradições, suscitadas pela extensão do capitalismo, o que nos coloca diante da necessidade de aprofundar o debate entre o espaço público e o espaço privado; espaço do consumo e consumo do espaço (CARLOS, 1999, p.178).

Para Carlos, o espaço é produto das relações sociais, sendo que está atrelada a existência do homem, portanto o homem produz o espaço e ao mesmo tempo o espaço esta contido na constituição da sociedade. Desta forma, o espaço não é mero receptáculo das localizações de atividades, mas palco (re)produtivo das ações humanas em um determinado lugar e tempo histórico. Entendemos que o processo de especulação acentua a atuação dos atores sobre o espaço geográfico ratificando o poder de controle e as estratégias de apropriação e uso que perpetram no território.

Para Roberto Lobato Corrêa (1995, p.11), o espaço urbano é formado por um conjunto de usos justapostos da cidade, sendo, “[...], um produto social, resultado de ações acumuladas e através do tempo, e engendradas por agentes que, produzem e consomem o espaço”. Na obra intitulada O Espaço Urbano (2001) de autoria de Corrêa, define seis características do espaço urbano (figura 01):



Figura 01: Características do Espaço Urbano  
Fonte: Corrêa, 2010.  
Org.: Martins, 2013

A produção do espaço urbano é realizada por meio de agentes que influenciam tecido urbano como os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários,

promotores imobiliários, o Estado e grupos sociais excluídos (CORREIA, 1995). Esses agentes não agem de forma organizada e, por muitas vezes encontramos dificuldade em distinguir o autor de determinada ação.

A prática da produção/reprodução do espaço urbano envolve toda a sociedade, realiza-se no *plano do lugar*, a partir disto, compreender a ideia de pertencer ao espaço em que se vive, de conceber o espaço como *lócus* das práticas e das representações. É assim cada momento da história produz um espaço, supõe as condições de vida da sociedade em suas multiplicidades de aspectos. A escala local não suprime as demais escalas, e está cada vez mais articulada com o global, muito embora cada espaço contenha sua especificidade, o que o permite sua dinâmica econômica.

Todavia, abordagem do espaço urbano e de seus agentes em sala de aula possibilita o entendimento da visão de mundo do aluno como sujeito do processo histórico em que está inserido. Conforme Oliva (2008, p.46), “O pensar geográfico contribui para contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional e mundial” (CAVALCANTI, 1998, p.11). Desta forma, a linguagem cinematográfica aliada ao estudo do espaço urbano contribui com a interdisciplinaridade e propulsiona o entendimento diversificado da disciplina de geografia.

Um trabalho cinematográfico (dentre muitos) possível de ser utilizado em sala de aula é o documentário *Lixo Extraordinário*<sup>2</sup>, dirigido por Lucy Walker e lançado em 2010, suscita o debate da produção do espaço urbano, pois descreve o curso do lixo dispensado no Jardim Gramacho, maior aterro sanitário da América Latina situado em Duque de Caxias (RJ) até modificar-se em arte pelas mãos do artista plástico Vik Muniz e com auxílio dos próprios catadores que trabalham no lixão (DOWNTOWN FILMES..., 2009). O filme passa por uma descrição de como os moradores do bairro sobrevivem por meio da reciclagem de materiais provenientes do aterro sanitário e demonstra a realidade precária destes em relação aos outros bairros centrais do Rio de Janeiro dita como a cidade “maravilhosa”. O artista plástico procura entre os catadores a relação do lixo e a arte, mostrando a eles que é possível trabalhar no lixão e produzir arte para chegar até os leilões internacionais.

Nesta película, destacam-se os agentes de produção do espaço urbano, já que possui como personagens principais os próprios catadores de lixo e a participação popular

---

<sup>2</sup> Lixo Extraordinário de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley, produção de Angus Aynsley, Hank Levine e Peter Martin, produção executiva de Fernando Meirelles, Miel de Botton Aynsley, Andrea Barata Ribeiro, Jackie de Botton, música por Moby, Edição por Pedro Kos, direção de fotografia de Dudu Miranda, Heloisa Passos, Aaron Phillips e mixagem de som de Aloysio Compasso, José Lozeiro (DOWNTOWN FILMES..., 2010).

por meio da Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG), como grupo social excluído. E, a relação entre do espaço urbano com campo simbólico de produção da arte com o próprio material vindo do aterro sanitário. Os aspectos do espaço urbano neste filme podem ser visto em diferentes focos que permitem serem estudados de modo multivariado.

As produções cinematográficas brasileiras relacionam-se com o espaço urbano, sendo trabalhadas as particularidades do nosso cotidiano e aproximando com a realidade do contexto em que o aluno está inserido.

Castellar e Vilhena (2010) indicam uma forma de trabalhar com a linguagem cinematográfica, apontando que o aluno ao iniciar o filme deveria estar munido de um roteiro de pesquisa, na medida em que ele terá de organizar os dados da pesquisa em um roteiro, selecionar trilha sonora, estruturar a sequência de assuntos ou diálogos. Para realizar essas etapas, o aluno relacionará os conceitos que estruturam o conhecimento geográfico com os conteúdos.

#### **4 PROPOSTA DE ATIVIDADE DE SALA DE AULA: CINEMA E ESPAÇO URBANO**

A proposta de atividade para ser trabalhada em sala de aula adequada com a pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani (1984). A metodologia de ensino com base neste autor é composta por cinco passos para atingir o conhecimento do aluno. O primeiro pressuposto teórico é o conhecimento da *prática* social do aluno e o segundo momento é a sua *problematização* no seu cotidiano, sendo assim, o ponto de partida é captar os problemas enfrentados na realidade do aluno e construir conceitos que a interroguem distanciando dos conteúdos rígidos das matérias escolares. A terceira constitui-se na instrumentalização, ou seja, assimilação de recursos teóricos e práticos compatíveis com problemas vindos da prática social. A catarse, o quarto passo, consiste na elaboração mental de um novo conceito, que será realizado pelo aluno (SAVIANI, 1984). E, por fim o quinto passo é a prática social, de modo que, os alunos possam obter uma visão crítica da realidade em que estão inseridos. Estes passos consolidam a construção do conhecimento geográfico para o aluno, não como depositários de informações, mas como críticos em sua própria visão de mundo.

Desde modo, o exercício proposto tem por objetivo despertar nos alunos a competência de identificar a dinâmica do espaço urbano a partir da leitura do texto “O



Espaço Urbano: Notas Teórico- Metodológicas” de Roberto Lobato Corrêa (2001) e possibilitar a compreensão dos seus agentes espaciais por meio do filme *Lixo Extraordinário* (2010). E, motivar os alunos a refletir e discutir o espaço urbano da própria comunidade percebendo as desigualdades sociais, com vista a perceber as peculiaridades do seu cotidiano com o conteúdo e o filme. Para tanto, atividade proposta para ser trabalhada em sala de aula está contida no quadro 01:

#### QUADRO 01: PLANO DE AULA

##### **1º Prática social inicial do conteúdo:**

*Conteúdo:* As características do espaço urbano e os agentes de formação do espaço urbano com base na leitura textual de Corrêa (ano); Comparação entre o texto e a película fílmica como percepção do espaço urbano de Jardim Gramacho (RJ), apresentado no documentário *Lixo Extraordinário* (2010); Discussão com a sala sobre o que foi estudado; Trabalho individual indicando a elaboração de um texto discorrendo sobre o espaço urbano do cotidiano do aluno acerca dos debates em sala de aula;

*Experiência cotidiana do conteúdo:* Interrogar aos alunos o conhecimento prévio do conteúdo; E, discutir os aspectos do espaço urbano da sua cidade com relação ao conteúdo textual e fílmica;

##### **2º Problematização:**

*Discussão sobre a importância do conteúdo:* Trabalhar o conteúdo abordado, o espaço urbano e seus agentes, justifica-se pela necessidade de se trabalhar a proximidade da ciência geográfica com questões do espaço urbano. Portanto, o que é o espaço urbano, quais são os seus agentes, de que forma apropriam-se do espaço urbano, como os agentes espaciais apresentados no filme estão operando na sua urbe.

*Dimensões do conteúdo a serem trabalhados:* Dimensão histórica: O processo de produção do espaço urbano apresentado no filme. Dimensão ideológica: Os interesses divergentes dos agentes do espaço urbano; Quais os agentes que estão representados no filme e suas pretensões ideológicas e políticas?

Dimensão cultural: A cultural local dos moradores do Jardim Gramacho estão sendo representadas de que forma? Como podemos relacionar com a comunidade do aluno?

### **3º Instrumentalização**

*Ações didático-pedagógicas:* Exposição oral do professor e dos alunos; Exibição do filme Lixo Extraordinário (2010); Debates com a sala; Leitura textual; Avaliações;

*Recursos Humanos e Materiais:* Tv pendrive, textos de apoio ao conteúdo ministrado, material audiovisual, quadro, giz ou pincel atômico, pen drive, caneta, lápis, apagador, caixas de som, aparelho de DVD, DVD do filme e material impresso.

### **4º Catarse**

*Síntese mental do aluno:* Ao final, os alunos deverão apreender sobre as características e os agentes do espaço urbano, contribuindo com o conhecimento da sua comunidade, com vista a formar um aluno crítico e que se situe como cidadão dentro da sociedade. Observando, a disciplina de geográfica como lócus de discussão da dinamicidade, diferenças e representações do mundo ao seu redor.

Quadro 01 – Exercício de sala de aula  
Orgs: Elaborado pelas autoras

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino da geografia a partir de diferentes linguagens propicia um entendimento mais amplo da disciplina, visto que as aulas apenas com recursos tradicionais amortece a captação da competência cognitiva e da atratividade do aluno pela aula. Portanto, é necessário introduzir novos recursos para ministrar aulas atrativas que acompanhem o desenvolvimento dos equipamentos tecnológicos da sociedade contemporânea potencializando os recursos e aproveitando para compreensão do conteúdo.

Neste trabalho evidenciamos o uso da linguagem cinematográfica para o ensino da geografia, atentando para diversas formas de uso de filmes em sala de aula demonstrando a necessidade da compreensão da mensagem principal que o filme está emitindo para o receptor. E, tendo o receptor como formador de opinião a partir do seu conhecimento teórico e prático de acordo com os conteúdos do filme.

O ensino da geografia através do cinema possibilita uma proximidade com o espaço geográfico abordando os diversos dilemas da nossa realidade. Atentando, que os filmes documentários por sua vez retratam de forma parcial a veracidade do acontecido, portanto, é necessária uma leitura crítica e debatedora sobre o filme em questão. Correlacionando que na geografia as contradições estão imbricadas no território neste sentido, o filme por si só já gera uma análise do espaço geográfico a partir dos aspectos técnicos, no entanto no ensino deve ter em mente as discussões que o filme pode causar ajustado ao conteúdo ministrado em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAMPOS, Rui Ribeiro. Cinema, geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**. Rio Claro, 4(1): 1-22, Junho - 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O consumo do espaço. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

COUTO, Marco Antônio Campos. Ensino de Geografia: Abordagem Histórico-Crítica. **Revista Tamoios**. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia UERJ, jul./dez., ano V, n.2, 2009.

DOWNTOWN FILMES; O2 FILMES; ALMEGA PROJECTS. **Lixo Extraordinário**. Rio de Janeiro: 2010.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. Disponível em: <http://www.lixoextraordinario.net/review.php>. Acesso: 03/03/2013.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani A (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAN, José Manuel. Os vários usos do cinema e vídeo na escola. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/ Ed. Moderna, jan./abr. 1995, n.2.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Geografia. Curitiba, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1984.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: 1996.